



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

ANDRELINE LIMA SOARES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO À
INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA)**

MACEIÓ

2021

ANDRELINE LIMA SOARES

**A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM RELAÇÃO À
INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO
AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciada em Educação Física pelo Instituto de Educação Física e Esporte da Universidade Federal de Alagoas. Orientadora prof^a Dr^a: Marily Oliveira Barbosa.

MACEIÓ

2021

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S676a

Soares, Andreine Lima.

A atuação do professor de educação física em relação à inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) / Andreine Lima Soares – 2021.

25 f.

Orientadora: Marily Oliveira Barbosa.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em educação física) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 19-22.

Anexos: f. 24-25.

1. Educação física. 2. Educação especial. 3. Transtorno do espectro autista. I. Título.

CDU: 796:159.963.37

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor de Educação Física para promover a inclusão escolar do aluno com TEA nas atividades propostas. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e realizada como estudo de caso. Para coleta de dados foram utilizados a entrevista semiestruturada e as observações das aulas práticas. Utilizamos a análise de conteúdo para a análise dos dados. Os resultados da entrevista semiestruturada foram divididas em três temáticas: 1) Experiência no Ensino de Educação Física para alunos com TEA; 2) Prática pedagógica e Estratégias de ensino; e 3) Percepção do professor frente a proposta de inclusão. E as aulas foram observadas a partir de três pontos, foram eles: Materiais utilizados; Participação dos alunos; e Interação aluno com TEA com os outros alunos. A partir da entrevista semiestruturada e das observações das aulas, foi possível constatar que o professor de Educação Física tem dificuldades na utilização de recursos pedagógicos, e que não faz adaptações eficazes no método como ensina para promover a inclusão do aluno com TEA, apesar de sempre buscar que o estudante participe ativamente de todas as atividades da aula de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Especial. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the pedagogical strategies used by the Physical Education teacher to promote the school inclusion of the student with ASD in the proposed activities. The methodology used was qualitative and carried out as a case study. For data collection, semi-structured interviews and observations of practical classes were used. We use content analysis for data analysis. The results of the semi-structured interview were divided into three themes: 1) Experience in Teaching Physical Education for students with ASD; 2) Pedagogical practice and teaching strategies; and 3) Teacher's perception regarding the inclusion proposal. And the classes were observed from three points, they were: Materials used; Student participation; and Student interaction with TEA with other students. From the semi-structured interview and the observations of the classes, it was possible to verify that the Physical Education teacher has difficulties in using pedagogical resources, and that he does not make effective adaptations in the method as he teaches to promote the inclusion of the student with ASD, despite always seek that the student actively participates in all activities of the school Physical Education class.

Key words: Physical Education. Special education. Autistic Spectrum Disorder.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	03
1.1 Transtorno do Espectro Autista (TEA).	05
1.2 Educação Física e Transtorno do Espectro Autista.....	06
2 METODOLOGIA.	08
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
3.1 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	11
Experiência no Ensino de Educação Física Para Alunos Com TEA.	11
Prática Pedagógica	12
Percepção do Professor Frente a Proposta de Inclusão.....	14
3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS.	14
Materiais utilizados.....	15
Participação dos alunos	15
Interação aluno com TEA com os outros alunos	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
5 REFERÊNCIAS.....	19
ANEXOS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Ao propor um discurso sobre inclusão escolar da pessoa com deficiência, rapidamente há a tendência em focar-se nas condições físicas e pedagógicas que a escola tem para promover essa inclusão. Mas afinal o que é inclusão escolar? Tendo como ponto de partida a Declaração de Salamanca (1994), que fomentou a inclusão escolar, propõe-se que a escola deve oferecer uma educação para todos, inclusive se adequar para receber o estudante com deficiência.

Ainda na atualidade, a busca da educação inclusiva continua. Na reflexão de Moliterni (2018, p. 9) “uma escola inclusiva é, portanto, uma escola aberta para todos, [...]. É uma escola que utiliza estratégias e modalidades a fim de favorecer os processos de formação significativa para cada um”.

No entanto, entende-se que a educação inclusiva é um processo contínuo. Assim, “é possível afirmar avanço no debate sobre as questões referentes à educação inclusiva, considerando o direito de acesso e permanência na escola e dos movimentos em prol da educação inclusiva que contemple os alunos com deficiência” (COSTA, 2018, p.25).

No intuito de contribuir com o processo educacional inclusivo do aluno com deficiência, a educação especial foi definida como modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, 1996).

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (BRASIL, 1996).

Alguns documentos dão sustentação para que as escolas se adequem, para que possam garantir o direito legítimo que a pessoa com deficiência tem, que é de estudar na escola comum, juntamente com os demais alunos sem serem excluídos.

De acordo com o artigo 28, inciso I e II da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI, 2015),

Art 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida; II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena [...]. (BRASIL, 2015).

Além dos documentos legais, diversos estudiosos defendem a inclusão educacional. Como por exemplo, Costa (2017, p.15) quando afirma que, “o espaço escolar deve ser

organizado, planejado e sistematizado para ofertar condições aos alunos, independentemente de suas peculiaridades e das suas deficiências, promovendo um ensino de qualidade para todos”. Portanto, os professores devem rever suas metodologias de ensino para que todos os alunos tenham suas potencialidades desenvolvidas de forma integral e sem qualquer discriminação.

Nesse sentido, Rodrigues e Porta (2018, p. 61) trazem a seguinte análise:

Observa-se que quanto mais falamos da importância da igualdade de direitos e da condição das pessoas com deficiência nas escolas, menos a encontramos. Os discursos políticos defendem a igualdade de direitos, inclusão escolar, mas o que existe realmente é um abismo entre discurso, as leis e a realidade que produzimos e reproduzimos diariamente nas nossas escolas e nas nossas instituições sociais. Para que mudanças de ideologias, de valores e políticas aconteçam de fato, é necessário informar e formar os profissionais que estão diretamente envolvidos com essas pessoas: os professores.

Considerando o fragmento anterior, percebe-se que a inclusão escolar é um grande desafio para os professores, pois envolve vários fatores dentre eles, a formação, porém é necessária a busca por estratégias metodológicas que atendam e envolvam todos os alunos nas atividades, proporcionando-lhes o exercício da sua autonomia e aprendizagem.

Falar em processo inclusivo no ambiente escolar significa abordar de frente uma pedagogia centrada no educando, significa falar em mudanças, adaptações, desequilíbrio, sobretudo, considerar o indivíduo, o aluno, na sua individualidade, com suas capacidades e potencialidades. (SEABRA JÚNIOR, 2006, p.51)

Por razões sociais, educacionais e legais, o aluno com Transtorno do Espectro Autista está no sistema regular de ensino, mas não garante que ele esteja realmente incluído. Pois a inclusão dos mesmos gera muitas dúvidas para os pais, professores e à própria sociedade.

No tocante ao professor de Educação Física, sendo esta uma disciplina que tem como objeto o movimento, é interessante compreender como se promove a inclusão do aluno com deficiência nessas aulas. E, particularmente para o interesse desta pesquisa, como promover a inclusão do aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nas aulas de Educação Física.

O papel do professor é fazer com que todos os alunos participem das aulas e aprendam; oferecendo “diferentes estratégias de aprendizagem e avaliação, garantindo que nenhum aluno seja excluído das atividades desenvolvidas” (CARDOSO; BASTILHA, 2010, p. 01).

O professor deve buscar uma perspectiva metodológica realmente inclusiva, atendendo as necessidades de todos os alunos, lhes proporcionando o exercício da cidadania e da autonomia.

Fiorini (2011, p. 19) afirma que,

Ainda existe um resquício da valorização ao corpo saudável e apto as atividades físicas, porém, há também um esforço para que essa concepção seja substituída por uma perspectiva mais ampla e totalizadora, tendo uma Educação Física que vise à formação de um sujeito afetivo, cultural e socialmente ativo. Pode estar havendo uma mudança na concepção de Educação Física, entretanto, não se sabe ao certo se os professores estão cientes disso, ou, se esta mudança ainda não é perceptível na prática. (FIORINI, 2011, p.19)

Considerando a fala da autora, o professor de Educação Física, precisa adotar uma prática que atenda e envolva todos os alunos, e nisso deve atentar não apenas para questões físicas, mas também valorativas, afetivas e sociais. Nessa perspectiva, o desafio para os professores é enorme, mas em alguma medida cabe a eles auxiliar que aconteça a inclusão, contribuindo com os avanços e transformações de cada um de seus alunos.

Surgiu então a inquietação de investigar: Como são as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor de Educação Física para promover a inclusão escolar do aluno com TEA nas atividades propostas?

Valverde e Vitalino (2009) apud Fiorini (2011, p. 21) acrescentam que,

Na busca pela qualidade de ensino para alunos com deficiência, a ação do professor é essencial, pois pode favorecer a melhora das relações sociais do aluno, dentro da escola, e também, que consiga potencializar sua aprendizagem. (FIORINI, 2011, p.21)

As estratégias pedagógicas são procedimentos planejados e sistematizados com o intuito de contribuir para que os objetivos da aula sejam alcançados. É necessário que as estratégias pedagógicas sejam diversificadas, com foco na singularidade dos alunos, e nas suas potencialidades.

De acordo com Bordenave e Pereira (2007) apud Briant e Oliver (2012, p.143),

As estratégias estão relacionadas com a forma de oferecer ao aluno oportunidade para viver as experiências desejadas, são também as maneiras de estruturar a atividade, isto é, estabelecer situações de ensino-aprendizagem, em que haja uma alta probabilidade de que ditas experiências realmente aconteçam. (BRINANT; OLIVER, 2012, p.143)

Considerando os argumentos apresentados, desenvolvemos esta pesquisa com o seguinte objetivo: analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor de Educação Física para promover a inclusão escolar do aluno com TEA nas atividades propostas.

1.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Em se tratando especificamente do aluno com TEA, este possui diversas peculiaridades que diferenciam as atividades pedagógicas a serem realizadas por ele. Alguns alunos com

Transtorno do Espectro Autista apresentam prejuízo qualitativo em algumas áreas (interação social, linguagem e movimentos repetitivos e estereotipados). Muito embora seja preciso considerar a individualidade humana e ponderar que cada indivíduo com TEA as apresentam de forma diferente (BARBOSA; FUMES, 2018).

As características do transtorno surgem diferentes em cada indivíduo, variando a partir de comprometimentos e gravidade.

A principal área prejudicada, e a mais evidente, é a da habilidade social. A dificuldade de interpretar os sinais sociais e as intenções dos outros impede que as pessoas com autismo percebam corretamente algumas situações no ambiente em que vivem. A segunda área comprometida é a da comunicação verbal e não verbal. A terceira é a das inadequações comportamentais. Crianças com autismo apresentam repertório de interesses e atividades restritos e repetitivos (como interessar-se somente por trens, carros, dinossauros etc.), têm dificuldade de lidar com o inesperado e demonstram pouca flexibilidade para mudar as rotinas. (SILVA et al, 2012, p. 9).

Ambrós e Oliveira (2017, p.212) acrescentam que,

[...] pode-se observar nos sujeitos com TEA: dificuldades na compreensão de metáforas e duplos sentidos (interpretação literal das frases), evitam contato visual, estresse na mudança de rotina, empecilho em interpretar sinais (expressões faciais, expressões verbais), ecolalia (repetições de palavras ou frases), comportamentos repetitivos (pular, balançar, fazer movimentos com os dedos e/ou mãos, bater palmas, etc.), dentre outras. (AMBRÓS; OLIVEIRA, 2017, p. 212).

A partir dos recortes apresentados, é evidente a necessidade de compreender as características dos estudantes com TEA, esse processo é de suma importância para elaboração das estratégias de ensino e aprendizagem desses alunos em uma escola regular de ensino. O professor de Educação Física deve entender e trabalhar as dificuldades identificadas nesse processo, evitando padronizações e entendendo a singularidade de cada aluno com TEA, buscando sempre se atualizar e criar de forma sistemática, intencional e flexível novas estratégias e práticas pedagógicas.

1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

As aulas de Educação Física proporcionam o desenvolvimento integral dos alunos, a socialização, a vida saudável, a prática de esportes, o trabalho em grupo, entre outros benefícios. Portanto, essas aulas podem ser consideradas como ferramenta que auxilia no desenvolvimento de habilidades na criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo Tomé (2007,

p.243), “a implantação da educação física no ensino dos autistas, favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhora na qualidade de vida”.

Para que o aluno com TEA tenha uma aprendizagem efetiva, o professor de Educação Física deve: conhecer cada aluno de maneira individual, sabendo de suas habilidades motoras e comunicativas; e planejar suas aulas de acordo com a necessidade de cada aluno.

Tomé (2007, p.245) afirma:

Com o objetivo de obter um melhor desenvolvimento social e condição física do autista a Educação Física auxilia também em outros aspectos muito importantes para um avanço significativo no convívio social e comportamental, beneficiando uma melhora no estado emocional, diminuição das estereotípias, melhora na atenção (diminuição da Hiperatividade), diminuição da agressividade devido ao aumento do nível da substância B-endorfina e Adrenalina plasmática aumentando apetite, melhora no sono e aumenta a sensibilidade dos agentes farmacológicos. (TOMÉ, 2007, p.245).

Espera-se que o professor de educação física construa novas metodologias para planejar e ministrar suas aulas, fazendo com que todos os alunos participem, mas sempre identificando e atendendo às diferenças de cada um, valorizando a diversidade e enfatizando o potencial dos alunos.

É importante conhecer as dificuldades como também as potencialidades do aluno com TEA, para o professor planejar a aula na perspectiva que o inclua nas atividades. Cada sujeito se apresenta de forma única. Com isso, conhecer o aluno é fundamental para a construção de uma educação que o atenda individualmente num contexto social.

Assim, “para um trabalho adequado, o professor precisa sempre buscar manter o contato visual com o aluno com autismo, estimulando a comunicação, mediando brincadeiras entre os alunos, utilizando uma linguagem simples e clara [...]” (BARBERINI, 2016, p. 47).

Como também, “é fundamental o professor incluir formas alternativas de ensinar esses alunos, trazendo adaptações pedagógicas que consiga fazê-los socializar e interagir a partir de trocas de experiências com seus pares” (AMBRÓS; OLIVEIRA, 2017, p. 215). As autoras ainda ressaltam a importância da parceria do professor da sala de aula regular com o professor da educação especial, o trabalho necessariamente deve ser conjunto para que haja inclusão do aluno com TEA.

Os professores de Educação Física precisam não só flexibilizar suas aulas para incluir os alunos com TEA, mas que tenham objetivos, métodos e conteúdos que valorizem a diversidade e que colaborem para uma sociedade realmente inclusiva.

A atuação do professor de Educação Física é crucial para a inclusão escolar, pois são ensinados e apreendidos normas, valores e maneiras de pensar, ele é o principal mediador de ensino e de aprendizagem de habilidades motoras dos alunos.

Parece existir uma lacuna entre as propostas e a realidade, fato este que pode gerar um distanciamento ainda maior que o existente. Observamos que explorar o potencial do educando, bem como identificar as suas necessidades ainda não tem sido o foco principal das ações pedagógicas de muitos professores. (SEABRA JÚNIOR, 2006, p.61).

No intento de contribuir para uma educação especial inclusiva, esse trabalho se debruçou especificamente no campo da Educação Física no tocante ao aluno com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, visto que “[...] parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2016, p. 20).

E foi realizada como estudo de caso, nessa abordagem Chizzotti (2011, p. 135) esclarece que, “envolve a coleta sistemática de informações sobre um conjunto de relações ou processo social para melhor conhecer como são ou como operam em um contexto real. Assim, evidenciando a validade e a confiabilidade do estudo através dos dados obtidos”.

Participante da pesquisa

O professor de Educação Física que participou da pesquisa foi selecionado tendo como critérios de inclusão: estar atuando, em 2019, no Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Maceió – AL; ministrar aulas para um ou mais alunos com o Transtorno do Espectro Autista; e aceitar participar da pesquisa.

Professor Felipe é formado em Educação Física Licenciatura e Bacharelado por uma faculdade particular da cidade de Maceió-Alagoas. Leciona há dois anos na escola pública estadual onde a pesquisa foi realizada.

O nome do participante é fictício para preservar a identidade do mesmo.

Instrumento utilizado para coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: a entrevista semiestruturada que segundo Selltiz et al, “[...] a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas esperam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SELLTIZ et al 1967, p.273 apud GIL, 2012, p. 109).

Com a entrevista semiestruturada é possível planejar um roteiro que possibilite a coleta de informações, e que o entrevistador possa se organizar para o processo de interação com o entrevistado.

De acordo com Gil (2012, p. 112)

[...] as entrevistas por pautas (ou semiestruturadas) devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. São recomendadas sobretudo nas situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder às indagações formuladas com maior rigidez. (GIL, 2012, p.112).

Também foram realizadas observações das aulas práticas. O registro das observações foi feito por anotações e filmagens das aulas, com uso de diário de campo.

Segundo Gil (2012, p.100) “a observação apresenta como principal vantagem a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação”. Ela é fundamental para relacionar a teoria com a prática e nos leva a ter uma percepção acerca das complexidades existentes durante as aulas de Educação Física.

Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual do Ensino Fundamental, localizada na cidade de Maceió - Alagoas, que tinha um aluno com Transtorno do Espectro Autista matriculado e que participava das aulas de Educação Física.

Procedimento de coleta de dados

No procedimento de coleta de dados, antes de realizarmos a entrevista, encaminhamos às escolas para solicitarmos à gestão e aos professores de Educação Física a permissão para a realização da pesquisa. Convidamos três professores de Educação Física, que tinham alunos com Transtorno do Espectro Autista matriculados e que participavam de suas aulas, mas apenas um aceitou participar da pesquisa. Nesse processo foi explicado ao professor o objetivo da pesquisa e como seria desenvolvida.

Após a aceitação do professor, realizamos a entrevista semiestruturada em seu ambiente de trabalho. A mesma foi gravada em aparelho celular e posteriormente transcritas fielmente.

A entrevista foi realizada em um dia de aula, o professor deixou os alunos em sala e realizamos a entrevista no pátio da escola no dia 04 de setembro de 2019.

Foi realizada apenas uma entrevista, contendo 31 perguntas, com duração de 15 minutos. O objetivo da entrevista semiestruturada foi levantar informações que complementaríamos ou se articulariam com os dados da observação, como por exemplo de conhecimento sobre a formação na área do autismo ou de inclusão.

O próximo passo foram as observações das aulas, em que foram feitas anotações em diário de campo das situações que ocorreram durante as aulas.

Foram observadas 9 aulas no período de 2 meses e 1 semana. As observações eram feitas uma vez por semana, que era a quantidade de dias que os alunos tinham aulas de Educação Física, com duração de 1 hora e 30 minutos. O horário das aulas de Educação Física era no turno da tarde, das 13:00 às 15:00, mas o professor iniciava às 13:15 e terminava às 14:30 (se a aula fosse prática, ele terminava esse horário e deixava os 30 minutos restantes para os alunos beberem água e descansarem, se a aula fosse teórica o professor terminava a aula às 15:00). Todas as aulas observadas foram práticas. As aulas de Educação Física eram no mesmo turno que as demais disciplinas.

Procedimento de análise dos dados

Para análise dos dados, utilizamos a análise de conteúdo, definida como:

É um conjunto de técnicas e análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Silva e Fossá (2015, p. 3-4) explicam que esse processo de análise se constituiu em três fases:

A primeira, **pré-análise**:

- a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes analisadas;
- b) Escolha dos documentos: consiste na definição do *corpus* de análise;
- c) Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados;

d) Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material coletado.

A segunda fase, **exploração do material**:

O texto das entrevistas é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências.

A terceira fase compreende o tratamento dos resultados, inferência e **interpretação**:

Consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Serão abordados os resultados da entrevista semiestruturada e das observações das aulas práticas.

Os dados da entrevista semiestruturada constituíram três temáticas que serão apresentados a seguir: 1) Experiência no Ensino de Educação Física para alunos com TEA; 2) Prática pedagógica e Estratégias de ensino; e 3) Percepção do professor frente a proposta de inclusão.

Experiência no ensino de educação física para alunos com TEA

Essa temática aborda situações referentes à experiência do professor no tocante ao trabalho do estudante com TEA em sala de aula regular, ou seja, com um olhar voltado para a inclusão escolar. Assim durante a entrevista o professor relatou que trabalhava com alunos com TEA há dois anos, porém não tem formação na área da inclusão, conforme sua fala: “Teve é (pausa), Educação Especial, mas assim, não especificava autismo não. ” (ENTREVISTA PROF. FELIPE).

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis de ensino para atender os alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento dentre eles os que tem Transtorno do Espectro Autista, e também alunos com altas habilidades e superdotação (BRASIL, 1996). Essa modalidade compreende conhecimentos para o trabalho específico com o público referido, mas na perspectiva de uma educação inclusiva.

Durante a entrevista o Prof. Felipe afirmou que a convivência com os estudantes foi o que fez ele superar as dificuldades: “Ah, a convivência, você procura entender melhor o aluno, é isso.” (ENTREVISTA PROF. FELIPE).

Na sua concepção o conhecimento adquirido se deu na prática. A experiência prática é muito importante, mas para que a ação do professor seja segura, coerente e consciente, teoria e prática devem estar articuladas, uma colaborando com a outra. Fortuna (2016, p. 65) explica que:

Dentro do processo pedagógico, teoria e prática precisam dialogar permanentemente, fugindo da ideia tradicional de que o saber está somente na teoria, construído distante ou separado da ação/prática. Na concepção de Freire, teoria e prática são inseparáveis tornando-se, por meio de sua relação, práxis autêntica, que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. (FORTUNA, 2016, p.65)

O Professor Felipe afirma que o que pode ser feito para minimizar as dificuldades encontradas seria ter especialização, segundo sua fala: “[...]Fazer uma especialização, preparar o professor para isso. A gente chega aqui e prepara e tem que vir dar e pronto, não tem preparação para nada. No dia-a-dia que a gente vai aprendendo [...]” (ENTREVISTA PROF FELIPE).

Uchôa (2015, p.20) concorda com exposto pelo professor Felipe ao afirmar que:

É necessário que o professor esteja disposto para trabalhar com quaisquer dificuldades que lhe apareça. Sua prática educacional deve está adequada e preparada para receber os alunos e suas necessidades. O professor precisa sempre estar se atualizando, não apenas se acomodar nos conteúdos estudados na graduação, mas buscar através de leituras e de especializações novos conhecimentos para trabalharem com as crianças e não se surpreenderem quando tiver que ensinar uma criança com autismo. (UCHÔA, 2015, p. 20)

Desse modo, o professor de Educação Física necessita estar se atualizando e se especializando, (re)significando seus conhecimentos para assim garantir que suas práticas pedagógicas sejam realmente inclusivas, abrangendo todos os alunos inseridos no ensino regular.

Prática pedagógica e estratégias de ensino

Essa temática aborda as práticas pedagógicas e as estratégias de ensino utilizadas pelo professor de Educação Física em relação a inclusão do aluno com TEA no ensino regular.

Durante a entrevista o professor explicitou que os conteúdos escolhidos para serem trabalhados nas aulas são pesquisados na internet, conforme sua fala: “Você sabe que a

educação física não tem um parâmetro, a gente vai pesquisando na internet, sabe? Para dar aula.” (ENTREVISTA PROF FELIPE).

Com a fala do professor Felipe podemos verificar que o mesmo está equivocado no sentido que a disciplina de Educação Física não tem parâmetro, pois existe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que traz contribuições para a reflexão e discussão da prática pedagógica.

A BNCC (p. 214-219) destaca seis unidades temáticas para serem abordadas ao longo do ensino fundamental, são elas: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas; e práticas corporais de aventura.

De acordo com Belisário e Cunha (2010),

O aprendizado deve ser realizado a partir de situações reais; valorizar o processo e a singularidade de cada aluno, estabelecer a organização de rotinas; proporcionar atividades em dupla e em grupos, possibilitando referências por meio de seus pares; proporcionar ações com desenvolvimento de outros alunos; dirigir-se verbalmente ao aluno autista durante as atividades em sala de aula; propor práticas novas e diferenciadas; pensar formas de avaliação pautada na heterogeneidade que contribua para inclusão (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 48-49).

A prática pedagógica do professor Felipe precisa ser repensada, flexibilizando para atender todos os alunos e promover a inclusão. O mesmo afirma que não precisa fazer adaptações nas aulas para que o aluno com TEA participe, pois o aluno participa de todas as atividades propostas pelo professor, conforme suas falas: “E os meus alunos eu consigo tranquilo, mas que tem aqueles graus mais severos, aí eu não consigo.” (ENTREVISTA PROF FELIPE); “[...]quando eu monto o circuito ele faz tranquilamente o circuito, sem precisar de ajuda em nada, só de observar ele vai e faz.” (ENTREVISTA PROF FELIPE).

O professor afirmou que não necessita utilizar estratégias de ensino para o aluno com TEA: “Eles compreendem, assim que você faz, eles já compreendem, os meus autistas eu não tenho não, preciso não, entendeu? Agora pode ser que tenha alguns que precise, né? Mas os meus não.” (ENTREVISTA PROF FELIPE).

Segundo Silva; Almeida (2012) apud Melo (2016, p.15):

A prática pedagógica com o aluno autista exige do educador uma organização do seu trabalho. Esse profissional deve propor estratégias no seu planejamento que possam ser alcançadas por esses alunos de maneira especial, desenvolvendo suas habilidades e competências, buscando promover a plena participação de todos no processo educativo. (SILVA; ALMEIDA. 2012 apud MELO 2016, p.15).

Acreditamos que um bom planejamento pode sim alcançar a todos sem precisar de alterações nas atividades. A utilização de estratégias de ensino ajuda o professor no processo de ensino-aprendizagem, para que se torne mais eficiente e eficaz. O professor deve despertar o interesse dos alunos, facilitando assim na aprendizagem.

Percepção do professor frente a proposta de inclusão

No decorrer da entrevista o professor explicitou que não se sente preparado para inclusão, pois precisa fazer cursos, no entanto, acha que suas aulas são inclusivas. E que para trabalhar com alunos com TEA mais severos precisaria do professor auxiliar.

Tem alunos que você consegue, eu não tenho experiência, mas eu consigo adaptar ele na aula, agora tem aluno que não tem como, aí esses alunos precisam do professor auxiliar, mas os meus alunos eu consigo incluir eles tranquilamente, mas tem muitos alunos aqui, eu sei que tem que ter um auxiliar porque se não a gente não consegue tomar conta não, porque são muito hiperativos, não consegue não tomar conta. (ENTREVISTA PROF FELIPE).

Apesar do professor não se sentir preparado para inclusão, o mesmo busca soluções para incluir o aluno com Transtorno do Espectro Autista da melhor forma possível.

Porque eu precisava de cursos, cursos, muito cursos assim, porque a minha experiência aqui bem, meus alunos eu ainda consigo pegar, mas tem muitos alunos que o professor não consegue não lhe dar, sem contar com os outros alunos que atrapalha muito, né? Você tem que ter uma estratégia só para esse aluno. (ENTREVISTA PROF FELIPE).

De acordo com Fiorini (2011, p. 20) “o papel do professor de Educação Física é de suma importância para inclusão de alunos com deficiência e envolve questões como a própria formação acadêmica, conhecimento sobre deficiências, experiência na área e valores”.

Precisa-se criar oportunidades para formação continuada e capacitação para os professores, para poderem atuar coerentemente com a proposta educacional inclusiva, possibilitando aquisição de conhecimentos melhorando sua prática pedagógica trabalhada em sala de aula.

3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS

Quanto às observações das aulas: as aulas práticas de Educação Física eram realizadas no pátio da escola, entre duas salas de aulas e o refeitório. A escola não tinha quadra, só um pátio pequeno entre as duas salas, e um pátio menor que tinha o chão desnivelado e não tinha coberta.

No pátio onde eram realizadas as aulas existiam duas cestas de basquete presas nas paredes. No chão não tinha nenhuma marcação de quadra.

As aulas foram observadas a partir de três pontos, são eles: Materiais utilizados; Participação dos alunos; e Interação aluno com TEA com os outros alunos.

Materiais Utilizados

Optamos por observar os materiais utilizados, pois uma de suas funções é de auxiliar e/ou facilitar o professor na sua prática pedagógica. Aguiar; Rotelli (2011) afirma que “[...]qualquer instrumento ou objeto que possa servir como recurso para que, mediante sua manipulação, observação ou leitura se ofereçam oportunidades de aprender algo, ou com seu uso se intervenha no desenvolvimento de alguma função do ensino”. (GIMENO SACRISTÁN, 1991, p.10 apud AGUIAR; ROTELLI, 2011, p.04).

O professor Felipe utilizou bola de basquete e futsal em todas as aulas; cones, bancos e bolas de diversos tamanhos foram utilizados algumas vezes.

Na maioria das aulas observadas, as atividades propostas pelo professor eram basquete para as meninas e futsal para os meninos. Quando a cesta de basquete quebrou, o basquete foi substituído pelo queimado. Outra atividade proposta pelo professor foi circuito, utilizando bancos, cones e bolas de diversos tamanhos. Mesmo nas aulas que as atividades eram em circuito, ao final, o professor Felipe sempre reservava 15 minutos para os alunos jogarem basquete e futsal.

As bolas de basquete e futsal eram utilizadas em todas as aulas, pois o basquete é o esporte que as meninas gostavam de jogar e o futsal é o que os meninos gostavam.

Aguiar; Rotelli (2011, p.05) contribui que “ao professor, cabe a tarefa de analisar e avaliar os MC’s (materiais curriculares) para que possam ser selecionados de forma mais coerente com o projeto pedagógico e sua intenção didática”.

Participação dos alunos

A participação dos alunos fica a critério deles próprios. Durante as aulas o professor chama-os, insiste para que todos participem, mas tem aluno que não participa da parte inicial da aula, porém, no meio da atividade pede para participar e o professor inclui.

Silva (2013, p.43) contribui que:

As aulas de educação física promovem um ambiente de colaboração social, o que aproxima os estudantes socialmente. Por isso os professores de educação física têm a capacidade e devem promover um ambiente onde os alunos autistas sintam-se à vontade e encorajados a participar das atividades em questão. Ao trabalhar a afinidade dos alunos, desperta neles o interesse pela atividade física, levando-os a ter uma vida mais ativa fisicamente fora da escola também. Além disso, ao praticar essa ajuda mútua na sala, é possível fazer com que o autista melhore seu comportamento social também. (SILVA, 2013, p.43)

Na maioria das aulas observadas, nas atividades, os meninos são separados das meninas (enquanto as meninas realizavam as atividades, os meninos ficavam sentados esperando; o mesmo acontecia quando os meninos realizavam as atividades). Em apenas uma aula observada, onde o professor utilizou circuito para realizar as atividades, dois meninos ficaram no grupo das meninas.

Quando a atividade proposta era circuito todos queriam participar, mas o professor sempre dividia a turma entre meninos e meninas e sempre fazia competição entre eles (meninos contra meninas).

Nas aulas onde as atividades eram basquete e futsal, o professor perdia o controle dos alunos que não estavam participando da aula naquele momento.

O aluno com TEA participa de todas as aulas e de todas atividades propostas pelo professor.

Interação aluno com TEA com os outros alunos

Belisário Filho; Cunha (2010, p27) afirmam que “as relações afetivas e sociais, desde os primeiros vínculos de cuidado com a família até as interações em ambientes mais amplos como a escola, estão implicadas no desenvolvimento das funções mentais de crianças com TEA”.

Nas aulas de Educação Física a interação do aluno com TEA com os demais meninos e com o professor se dá de forma natural, mas o professor não intermedia e não facilita a interação com as meninas, já que em todas as aulas eles são separados (na maioria das aulas as meninas jogam basquete e os meninos futsal).

Quando a cesta de basquete quebrou, professor Felipe fez um circuito onde precisou que alguns meninos ficassem no grupo das meninas, mas não incentivou nem facilitou a interação do aluno com TEA com as meninas.

De acordo com ALVES e DUARTE (2014, p.336):

As atividades propostas nas aulas de educação física devem ser preparadas de forma a permitir que o aluno com deficiência participe ativamente e interaja com seus pares. A participação nas atividades e conseqüentemente a interação social aparecem como pontos primordiais para a inclusão, visto que irão proporcionar ao aluno com deficiência oportunidades para demonstração de suas habilidades e capacidades, desempenho de papéis e funções importantes dentro do grupo em busca de um objetivo comum, bem como sentir-se aceito pelo grupo.

Maranhão; Sousa (2012, p.17) contribuem que,

Ainda se faz importante salientar que para os indivíduos com TEA a possibilidade de acesso às outras crianças sem necessidades especiais são bastante benéficas, já que estimula o aluno com TEA a se relacionar com outras pessoas, alunos e professores no próprio ambiente escolar, proporcionando que ela desenvolva a mesma interação fora do ambiente escolar, com as outras pessoas que as cercam, como vizinhos e familiares.

As atividades propostas pelo professor Felipe necessitam motivar situações de interação do aluno com TEA com todos os alunos (meninos e meninas). Sanini, Sifuentes e Bosa (2013) apud Melo (2016, p.24) afirmam que “situações de interação podem desencadear o desenvolvimento de competências relacionadas à socialização e comunicação, contribuindo para a inclusão do aluno com TEA na escola regular”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados, concluímos que professor Felipe não planeja sua prática pedagógica em relação à inclusão de alunos com TEA. Visto que o mesmo afirma que a Educação Física não tem parâmetro.

Apesar de ter apenas dois anos de experiência com alunos com Transtorno do Espectro Autista, professor afirma que não necessita utilizar estratégias pedagógicas, pois seu aluno com TEA compreende as atividades e que nas aulas observadas ele participa de todas as atividades propostas.

Nas aulas observadas professor utilizou materiais e atividades que os alunos gostam, fazendo com que todos participem. Contudo a separação entre meninos e meninas faz com que a inclusão não seja realmente efetivada.

A pesquisa foi realizada na perspectiva de analisar as estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor de Educação Física para promover a inclusão escolar do aluno com Transtorno do Espectro Autista nas atividades propostas. A partir da entrevista semiestruturada e das observações das aulas, foi possível constatar que o professor de Educação Física tem dificuldades na utilização de recursos pedagógicos, e que não faz adaptações eficazes no método como ensina para promover a inclusão do aluno com TEA, apesar de sempre buscar que o estudante participe ativamente de todas as atividades da aula de Educação Física escolar.

O professor Felipe necessita ampliar seu planejamento e práticas pedagógicas para que consiga promover a inclusão do aluno com TEA nas aulas de Educação Física.

Espera-se que os professores de educação física construam novas metodologias para planejar e ministrar suas aulas, fazendo com que todos os alunos participem, mas sempre identificando e atendendo as diferenças de cada um, valorizando a diversidade e enfatizando o potencial dos alunos.

Os professores de Educação Física devem rever suas metodologias de ensino para que todos os alunos tenham suas potencialidades desenvolvidas de forma integral e sem qualquer discriminação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Camila dos Anjos; ROTELLI, Paula Pereira. **Construção de materiais curriculares na Educação Física escolar**. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte Porto Alegre, 11 a 16 de setembro de 2011. Disponível em <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/viewFile/3503/1534>>

ALVES, M. L. T; DUARTE, E. **A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso**. rev. bras. educ. fís. esporte vol.28 nº2 São Paulo Apr./June 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1807-55092014000200329&script=sci_arttext> Acesso em: 23 jan 2020.

AMBRÓS, D. M.; OLIVEIRA, G. P. **O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão**. 1º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Inclusiva: o ensino e a aprendizagem em discussão. PUCRS – Porto Alegre, 2017. Disponível em <<http://www.pucrs.br/eventos/inst/educacaoinclusiva2017>>/Acesso: 04 mai 2019.

BARBERINI, K. Y. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas**. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo. v. 16, n. 1, p. 46-55, 2016. Disponível em <[://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006)> Acesso: 03 mai 2019.

BARBOSA, M. O; FUMES, N. L. F. **Transtorno do espectro autista sob o olhar educacional: a voz das professoras do atendimento educacional especializado**. Possibilidades e desafios para a inclusão escolar no campo da Educação Especial / [Organizado por] Neiza de Lourdes Frederico Fumes, Soraya Dayanna Guimarães Santos, Tarciana Angélica Lopes Damato; autores Valdelúcia Alves da Silva ... [et al] – Maceió: Edufal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**; tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação especial na Perspectiva da educação escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: MEC/SEESP; Universidade Federal do Ceará, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica** / Secretaria de Educação Especial - MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>

BRIANT, Maria Emília Pires; OLIVER, Fátima Corrêa. **Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo: conhecendo estratégias e ações**. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2012, v. 18, n. 1 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000100010>>

CARDOSO, V., D., & Bastilha, R. R. (2010). **Inclusão de alunos com necessidades especiais na escola: reflexões acerca da Educação Física Adaptada**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, 15(146). Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd146/inclusao-de-alunos-com-necessidades-especiais.htm>>

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais** / AntonioChizzotti. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COSTA, Fihama Brenda Lucena da. **O processo de inclusão do aluno autista na escola regular: análise sobre as práticas pedagógicas** / Fihama Brenda Lucena da Costa. - Caicó: UFRN, 2017.

COSTA, Valdelúcia Alves da Costa. **Educação inclusiva e formação docente: questões à luz da teoria crítica. Possibilidades e desafios para a inclusão escolar no campo da Educação Especial** / [Organizado por] Neiza de Lourdes Frederico Fumes, Soraya Dayanna Guimarães Santos, Tarciana Angélica Lopes Damato; autores Valdelúcia Alves da Silva ... [et al] – Maceió: Edufal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

FORTUNA, Volnei. A relação teoria e prática na educação em Freire. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 64-72, jan. 2016. ISSN 2447-3944. Disponível em: <http://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/1056/746>.

FIORINI, Maria Luiza Salzani. **Concepção do professor de educação física sobre a inclusão do aluno com deficiência** / Maria Luiza Salzani Fiorini. – Marília, 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/fiorini_mls_me_mar.pdf> Acesso em: 06 ago de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / Antonio Carlos Gil. – 6. ed. – 5. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012.

MARANHÃO, Brenda Salenna da Silva; SOUZA, Moises Simão Santa Rosa de. **Educação Física, Transtorno do Espectro Autístico (TEA) e inclusão escolar: Revisão Bibliográfica.** Universidade do Pará, 2012. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2/BRENDA_MARANHO.pdf>

MELO, Carla Caroline Silva de. **Estratégias Pedagógicas Direcionadas ao Aluno com Autismo no Ensino Fundamental.** – Natal – RN, 2016. Disponível em <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3706/3/Estrat%C3%A9gias%20pedag%C3%B3gicas%20direcionadas%20ao%20aluno%20com%20autismo%20no%20ensino%20fundamental_Artigo_2016.pdf> Acesso em: 23 jan de 2020.

MINAYO. M. C. S. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.**/ Maria Cecília de Souza Minayo; Sueli Ferreira Deslandes, Romeu Gomes (org.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MOLITERNI, P. **A formação didática e pedagógica dos professores para uma escola inclusiva. Possibilidades e desafios para a inclusão escolar no campo da Educação Especial** / [Organizado por] Neiza de Lourdes Frederico Fumes, Soraya Dayanna Guimarães Santos, Tarciana Angélica Lopes Damato; autores Valdelúcia Alves da Silva ... [et al] – Maceió: Edufal: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.

RODRIGUES, V.; PORTA, W. C. S. P. **Formação de professores e a inclusão: o primeiro passo é a informação. Pesquisa em Educação Especial: fios e desafios/** Christianne Thatiana Ramos de Souza, Marily Oliveira Barbosa, Diléia Ap. Martins Briega (Organizadoras). – 1 Edu. – Curitiba: Appris, 2018.

SEABRA JÚNIOR, LUIZ (2006). **Inclusão, necessidades especiais e educação física: considerações sobre a ação pedagógica no ambiente escolar.** Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275410/1/SeabraJunior_Luiz_M.pdf> Acesso em: 06 ago 2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular. Entenda o Autismo.** Fontanar, 2012.

SILVA, Thalita Narciso da. **O trabalho de profissionais da educação física com alunos com autismo: revisão de literatura** / Thalita Narciso da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2013.

TOMÉ, MAYCON CLEBER (2007). **A educação física como auxiliar no desenvolvimento cognitivo e corporal dos autistas.** Disponível em: <https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/autista_0.pdf> Acesso em: 24 jul. 2019.

UCHÔA, Yasmim Figueiredo. **A criança autista na educação infantil: desafios e possibilidades na educação inclusiva.** Campina Grande, 2015.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.**

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Qual o seu nome?

Qual sua formação acadêmica?

Sim, mas qual o curso?

Na sua graduação, você teve alguma disciplina que abordasse o trabalho com alunos com autismo?

Você poderia me contar um pouco da sua experiência em dar aulas de Educação Física para alunos com TEA?

Onde foi o seu primeiro contato com alunos com autismo?

Há quanto tempo você trabalha com alunos com autismo?

Na sua opinião, as experiências que você passou com alunos com autismo, fizeram com que você pensa-se sobre o modo como você dá aulas?

E a primeira aula de Educação Física para alunos com autismo, você se lembra como foi?

Você acha que é possível minimizar as dificuldades encontradas nas aulas de Educação Física para alunos com autismo?

(SE SIM): Na sua opinião, o que pode ser feito?

E atualmente, ainda existe dificuldade?

(SE NÃO): Na sua opinião, o que pode ter contribuído para essa dificuldade ser superada?

Quanto aos conteúdos trabalhados nas aulas, você pode me dizer como é feita a escolha deles?

Eu quero pedir a você, que nas próximas questões, responda pensando no(s) aluno (s) com autismo que você relatou que dá aula atualmente. Na sala em que esse aluno com autismo está matriculado, você acha que existe a necessidade fazer adaptações?

(SE NÃO): Na sua opinião, o aluno com autismo pode participar de todas as atividades como os outros?

Na sua opinião, é possível trabalhar com atividades individuais em uma sala em que há um aluno com autismo?

(SE SIM): Você pode me contar alguma experiência com esse tipo de atividade?

Durante as aulas, você acha necessário utilizar alguma estratégia de ensino específica para o aluno com autismo?

A escola tem algum material sobre estratégias de ensino para alunos com deficiência?

Você acha que os livros sobre estratégias de ensino para alunos com deficiência podem auxiliar o trabalho do professor?

Você acha que participar de eventos como congressos e minicursos sobre Educação Física Adaptada e Inclusão Escolar pode auxiliar o trabalho do professor com alunos com deficiência?

A escola tem algum recurso pedagógico que possa ser utilizado nas aulas de Educação Física?

Com base em sua experiência, qual a sua opinião sobre a inclusão de alunos com deficiência no Sistema Regular de Ensino?

Você acha que está preparado para a inclusão?

(SE NÃO): Você pode me contar um pouco do porque você acha que não?

Na sua opinião, as suas aulas são inclusivas?

(SE SIM): Você pode me contar um pouco do porque você acha que sim?

Você acredita que há benefício com a inclusão?

Qual?

E a última questão, você acredita que há malefício com a inclusão?